

O BEIJA-FLOR.

JORNAL DE INSTRUÇÃO E RECREIO.

ASSIGNATURA
POR TRIMESTRE
1.2000 RÉIS.

COLLABORADORES — DIVERSOS.

PUBLICA-SE QUINZENALMENTE AOS DOMINGOS.

PAGAMENTO
ADIANTADO.
2.º TRIMESTRE.

Anno de 1868.

Domingo, 15 de Março.

N. 9.

O BEIJA-FLOR,

Desterro, 15 de Março de 1868.

O nosso amigo e mestre o Illm. Snr. Manoel Bernardino Augusto Varella, nos enviou a seguinte animação, que muito nos honra, ao mesmo tempo que impelle o nosso espirito á mais trabalho e confiança nos nossos esforços. Eil-a :

Temos tido o prazer de ler todos os numeros da *Esperança* e alguns do *Beija-flôr*, periodicos litterarios e poeticos publicados nesta Cidade.

Nesta época de sordido egoismo, nestes tempos em que o scepticismo e a fria descrença têm tudo invadido, é-nos grato contemplar e admirar essa pleiade brilhante de jovens, — conterraneos e amigos, — á cultivarem com dedicação e perseverança os amenos jardins da poesia e da litteratura, tomando uma posição muito honrosa na imprensa, e pelo vehiculo da mesma offerecendo aos amigos das letras os fructos mimosos de suas lucubrações.

Continuem, pois, em tão nobre empenho aquelles que á isso se propuzerão ; continuem constantes e sollicitos nos seus esforços litterarios e poeticos trabalhos, enquanto nos cabe o prazer de bradar-lhes, ao contemplal-os collocados no alto da tribuna universal : — avante ! avante ! que a mocidade é a vida e a união é a força !

E de facto : que mais importante missão do que aquella, que tem por fim a propria e alheia instrução e recreio, o espancamento das trevas da ignorancia, — essa inimiga cruel da humanidade, — e o engrandecimento das letras entre nós ?

Proseguí, pois, Senhores ; observando sempre os preceitos da grammatica, da oratoria e da poetica, pelos quaes temos tambem o nosso culto, continuei a abrilhantar a lingua de Camões e Vieira, e a illuminar o vosso espirito com a aquisição de conhecimentos uteis e cultura das letras.

Nós, que traçamos estas linhas, já tivemos tambem a nossa época de estudante, e as manifestações da nossa ambição erão sempre pelas conquistas litterarias, em que contámos tambem bastantes companheiros, sem duvida mais felizes do que nós no bom resultado dos seos esforços.

Mello, João Rozas, Paulicéa Marques, Luiz Delfino & &, permitti que recordemos saudosos os vossos nomes ; que ao assistirmos hoje por accaso ás praticas litterarias desta mocidade esperancosa, nos lembremos das nossas já á muito passadas palestras e fracos escriptos, — já á muito passadas, sim, pois ha cerca de vinte annos (22 de Novembro de 1848) que um de vós nos dirigio uma assaz benevola poesia epistolar á cerca dos nossos pobres versos ; e por esses bellos tempos, quantas reuniões e palestras, quantos escriptos e ensaios aventuravamos !.....

E vós, Snrs. ex-Redactores da *Esperança* e actuaes Collaboradores do *Beija-flôr*, deixai que um apologista obscuro da poesia e da imprensa litteraria, vos dirija as seguintes phrases, escriptas outr'ora na bella lingua de Espronceda, por uma penna mui respeitavel e distincta :

« ... Amo com paixão, com ternura, com o ardor da esperança, á juventude estudiosa e moral ; apraz-me animal-a, ajudal-a quanto posso por inclinação de meu

coração e por dever de patriotismo, porque tenho nessa juventude mais fé do que a que ella tem em si mesma. ... Procuro a vossa sociedade, porque nada, depois dos prazeres domesticos, me desenruga a fronte e me desanuvia o espirito como a sociedade dos jovens, que deparo puros de corrupção e de infamia, na epoca em que tudo se tem corrompido, e entregues ao estudo, quando muitos escarnecem d'aquelles que desejão illustrar-se. ... »

Desterro 5 de Março de 1868.

B. V.

Bernardino Varela

No baile.

Era n'uma formosa e poetica tarde do mez de... O rutilante astro do dia, fazendo o seu apparente gyro pela cerulea e nitida estrada do firmamento, innundava com seus raios a nossa aprazivel e pittoresca capital.

O suave e brando sussurro que fazião os travessos zephyros nas tenues folhas das arvores e o merencorio gorgueio dos passarinhos, e todo o mais encanto de que se achava ornada a nossa natureza, tudo convidavame para que deixasse o meo humilde tecto e fizesse uma pequena digressão pelas nossas mais solitarias ruas.

Sahi. E depois de alguns momentos de delicioso passeio, achei-me em frente de uma casa situada em um dos nossos mais amenos contornos, e ouvia sons de uma suavissima musica.

*
*
*

Indaguei por algum tempo a causa deste regosijo, e a concurrencia de damas e cavalheiros que entravão, me fez suppôr que algum divertimento ia ter alli lugar.

Com effeito, era um pequeno *soirée*, para o que concorrião aquelles, dado em festejo ao anniversario de um de nossos patricios mais amantes da solidão e do silencio, e que deixão o barulho da cidade para viverem na paz e na tranquillidade.

O sol já se havia occultado por traz das montanhas, e o argenteo astro da noite, surgindo do lado opposto, vinha substituil-o com a sua luz opaca e melancolica : tudo mudava de forma, e o firmamento já começava a ser marchetado de fulgurantes estrellas.

Ouvia-se a orchestra, e o divertimento ia ter principio.

Levado pela curiosidade, de que a natureza se aprouve dotar-nos, approximei-me da janella para d'alli observar o bello sexo e admirar a sua fórmosura.

Oh ! a primeira pessoa que logo appareceu diante dos meus olhos, foi Martha, aquella a quem dedicava todo o meu affecto, passando de braço com um mancebo de porte esbello, porém de mesquinha gentileza. Conversavão ambos, e pelo entreabrir dos seus labios e gestos expressivos descobri que essa conversação era amorosa. ...

*
*
*

Como são as mulheres ! aquella, que dias antes me havia jurado um amor fido e eterno, quebrava alli o seu juramento !

Já não se lembrava de mim, e se tinha enamorado do mancebo !

* *

Soára já meia noite o campanario da torre de S. Francisco, cujas badaladas se repercutião pelo espaço. Uma densa e prolongada nuvem eclipsára a lua, que magestosa campeava na annillada esteira do céo, deixando a cidade submersa nas trevas.

E o baile ainda continuava, e ella dansava com o mancebo.

Depois de mil resoluções sobre o que devia fazer n'aquella occasião, resolvi esperar até o fim d'aquelle regosijo.

Esperei; e extatico contemplava a scena da mais negra perfidia da ingrata Martha.

Passados momentos cessou a orchestra, e o divertimento estava concluido.

Cada um foi-se despedindo da casa, e Martha ainda mais uma vez lançava seus olhos sobre os do mancebo, que se despedia della e de sua mãe.

Ingrata mulher, como despedaçaste o teu juramento !

A. C.

A vista da montanha.

(TRADUCCÃO LIVRE)

Do alto de uma montanha, vão meus olhos se recrear n'uma bem encantadora paisagem. Oh ! meo Deos, quanta formosura têm as tuas obras. . . Porem naquelles en-

cantos a mão do homem também embelleceo alguma cousa. Vê-se de um lado, os longos sulcos descriptos pela charrua e cuidadosamente podados os ramos da vinha; do outro, jardins, pastagens e florestas de uma côr celeste retratando o horisonte. Por toda parte o homem plantou, trabalhou, cavou e distribuiu as águas para o prazer dos olhos, e a fecundidade dos campos. Sim, mortal, é só a vontade de Deos que nós preenchemos, quando trabalhamos; com a energia da nossa vontade, e o vigor dos braços em transformar lugares incultos em fecundos e abundantes, é que mereceremos elogios. Os espiritos celestes vêem a nossa obra, e se alegram. E, quando Deos creou a terra e nos fez o seu intelligente dono, se deixou a materia informe, lugares com precisão de cultivo, foi sem duvida para nos experimentar. As forças da alma devem ser activas, trabalhadoras, e tornar o corpo docil e disciplinado. O pensamento nos diz que é util desmanchar essa barreira de rochedos, e abrir estradas, caminhos aos nossos irmãos; empreguemos pois o vigor n'estes trabalhos. Produzir o bem e o bello é agradar á Deos, é merecer da criação e dos homens.

POESIAS.

A' condescendencia de um amigo devemos a honra de publicar hoje nas modestas columnas deste jornalsinho, a seguinte poesia, escripta, ha annos, por uma joven muito intelligente e respeitavel, que reside na capital do Imperio.

Não é a primeira vez que as paginas do *Beija-flôr* se adornão com produções de uma Senhora, o que nos é summamente agradavel.

Mentira.

Se algum moço — dos nossos — eu vejo
Que com os olhos constante me mira,
Nesse olhar que tão terno me segue,
Tão somente eu diviso a — MENTIRA.

Se eu danço com elle no baile,
E na sala comigo elle gyra;
Se nos braços me aperta amoroso,
Tão somente eu diviso a — MENTIRA.

E no olhar que —lão meigo —! languece,
Simulando que quasi elle expira,
Parecendo por mim só viver,
Tão somente eu diviso a — MENTIRA.

Se me diz que sou —bolla e mimosa—,
Que por —mim— noite e dia suspira,
Que por —mim— as mais todas despréza
Tão somente eu diviso a — MENTIRA.

Quando elle comigo conversa,
E p'ra mim o seu rosto só vira;
Se me diz: Eu ardente te adoro,
Tão somente eu diviso a —MENTIRA.

Nos louvores que sempre me tece
E me diz que a verdade é que inspira,
Se lhe digo que em tudo acredito,
Tão somente eu diviso a —MENTIRA.

G. N. P.
(Gustavo Nunes Pires?)

O POBRESINHO.

A D. L. L.

Acorda, Maria, que o dia vae alto,
Seis horas já são.

(JOSE ELISIARIO.)

I.

« Já vai alta a manhã; meu filho, acorda,
« São horas de esmolar...
« Muito me-custa perturbar-te o somno
« No teu doce sonhar!...
« Ergue-te, e ajuncta a palha em que dormiste,
« E faze uma oração,
« Depois vae implorar da igreja á porta
« A esmola do christão.
« Curvemo-nos, meu filho, assim nos-cumpre,
« Ao querer do Senhor.
« Tem pena da miseria deste velho
« Que outr'ora foi cantor...»

II.

E o menino se-ergueu e orou contricção
Ajoelhado nas palhas do seu leito:
Dos olhos duas lagrymas rolaram
Pelo rosto de angustias já desfeito.
« Que tempo faz, meu pae; que frio sinto!
« Não posso quasi andar... mas tendes fome...
« Vou procurar um'alma bemfazeja
« Que mitigue essa dor que vos-consome...
« Lançae-me a vossa benção, pae querido;
« Por vós eu vou contente... —E o desgraçado
Lá foi—exposto ao vento, á chuva, ao frio,
C'o seu unico andrajo esfarrapado...»

III.

« Dae esmola, senhor, ao pobresinho
« Que a-pede p'ra seu pae
« Que outr'ora foi cantor, e agora velho
« Na dor morrendo vai.

« Tende pena, senhor ; dae-me um pãozinho,
« Não mais... » — e suspirou :
Foi-lhe a resposta um riso de indifferença,
E o rico lá passou.

Depois andou co'as lagrymas nos olhos
Pedindo compaixão.
E era bem tarde já quando lhe-deram
Um pedaço de pão.

IV.

« Finalmente, Senhor ! — Meu pae querido
« Não ha de morrer hoje á dor e á fome !
« Já tenho com que dar-lhe algum alento,
« Minorando a fraqueza que o-consome. »

Assim disse, e correu quasi sem forças
A' mansarda já toda esboroada
Onde estava o thesouro de seus sonhos,
Esse velho de frente já nevada.

« Acordae-vos, meu pae ; tomae a esmola
« Que me-acabam de dar ; tomae alento :
« Vós bem o-careceis, e estais tomado
« De fadiga mortal 'neste momento... »

V.

Mas já não existia o pobre velho
Curtido do amargor ;
Voára, desprendendo-se da vida,
P'r'a mansão do Senhor !...

E o menino ficou ajoelhado
Por muito tempo a orar.
Quem não chorára ao ver o coitadinho
Quando poz-se a chorar ? !...

Era bem triste vê-lo assim criança
Tão cheio de afflicções !
Era pungente ouviu-o lastimar-se
Das suas provações !...

VI.

Depois correu as ruas da cidade
Todo o dia, sem tino, descarnado,
C'os olhos incovados, — esmolando
Sem achar quem lhe-désse um pão — coitado !

Quando o pão lhe-negavam, respondia
Cantando os versos que seu pae cantava,
E ia bater além, e o pão mesquinho
Em toda parte ao pobre se-negava....

Tarde, nas lages frias da calçada
Já lasso de fadiga se-extendêra,
E alli dormira 'num dormir nervoso....
— Coitado! inlouquecêra !...

1863.

Ed. Nunes.

A tua lyra

O. D. C.

A'

SILVIO PELLICO DE FREITAS NORONHA.

Essa lyra sonora, que vibra,
Toca as fibras do meu coração,
Arrancando suspiros chorosos,
D'olhosas saltadas em vão....

Tem accordes celestes, divinos.
Tem só hymnos suaves d'amor.
Os harpejos que sollas, poeta,
Tem secreta harmonia e ardor.

São accordes que fazem as feras
Vir deveras tuas plantas beijar :
São accordes que fazem os anjos
E os archanjos á terra baixar ! ..

Mas eu choro, e soluço, e pranteio.
E descreio da vida, oh ! meu Deus !
Quando eu ouço esses sons tam plangentes
Ir contentes sumir-se nos ceus...

Fevereiro 29 de 1868.

Gustavo Henrique.

A' Marilia.

Mulher qu'rida... mulher dos meus amores,
Por quem eu desprezei aureo futuro ;
Tu, que és a imagem bella dos meus sonhos,
Não te esqueças de mim, que amar-te juro !

Não te esqueças, oh ! nunca ! Mariquinhas,
Que eu te sagro um amor santo e profundo,
Que é por ti que desprezo as futeis pompas,
E as glorias passageiras d'este mundo !

Se na tua alma, um dia, entrando a duvida,
Tu ousaste descrêr de meu affeito,
E á fallas enganosas dando ouvidos,
De mim fizeste um tão atroz conceito ;

Desterra, por piedade, esse juizo,
Que formaste, tão pouco lisongeiro ;
E crê que sempre te sagrei minh'alma,
A minha vida, meu futuro inteiro !...

Plinio.

Desterro, Fevereiro, 1868.

CHARADA

Certamente has de incontrar-me
Na rubicanda romã,
Na saborosa laranja,
Na apreciada maçã. 1

Andei por terras de Hespanha
E passei-me a Portugal ;
Mas perdida a fama antiga,
No mar me-afôgo afinal. 2

Teem-me os reis e embaixadores
Em solemnes occasiões :

As mais das vezes compõem-me
Amigos de adulações. Ed. N.

A decifração da charada do n. 6 é—Siberia, e a do
n. 7—Secretario.

TYPOGRAPHIA DO MERCANTIL.